



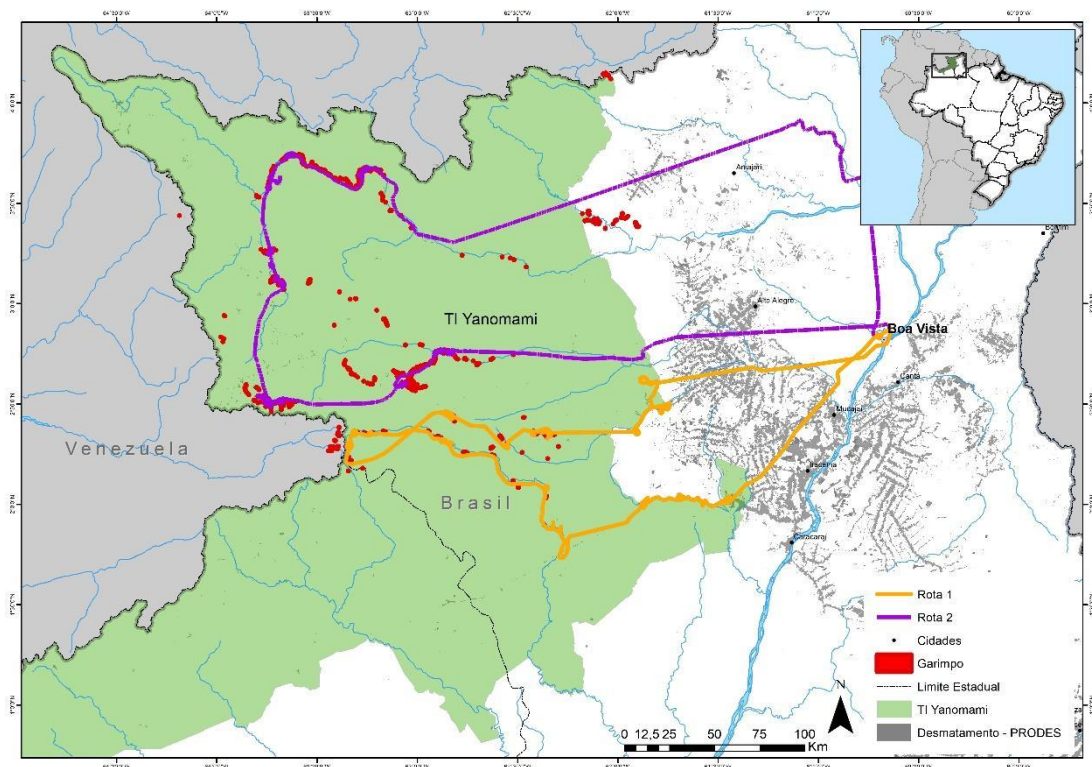
Sistema de Monitoramento do Garimpo Ilegal na TI Yanomami

Relatório do Primeiro Trimestre de 2021 - Abril de 2021

Apresentação

Este relatório apresenta os resultados de dois sobrevoos realizados na Terra Indígena Yanomami nos dias 07 e 09 de abril. Os sobrevoos têm o objetivo de validar informações levantadas por meio de interpretações de imagens satélite no âmbito do Sistema de Monitoramento do garimpo Ilegal da TI Yanomami, bem como documentar, com fotografias e vídeos, o avanço e a dinâmica da exploração mineral nesse território.

Apesar do mau tempo, que impediu a localização de alguns alvos importantes, o trabalho possibilitou o registro de diversas situações que apresentam em detalhe a organização do garimpo ilegal. Os principais resultados foram: a) fotografias de alta resolução de acampamentos e canteiros; b) fotos panorâmicas do impacto do garimpo no alto curso dos rios Catrimani, Mucajaí e Parima; c) documentação da “currutela” do Alto Catrimani; d) identificação de uma pequena balsa em atividade no rio Ajarani; e) verificação da continuidade da atividade garimpeira em zonas que receberam operações recentes; f) flagrantes do uso das pistas comunitárias por parte dos garimpeiros em Homoxi e Kayanau.



Mapa 1: Rotas dos sobrevoos

Sobrevoos 1: 07/04/2021

A primeira rota foi direcionada para a porção central da TI Yanomami, mais especificamente sobre os rios Apiaú e Catrimani. Ela teve início no limite da TIY com a Flona Roraima, onde havia relatos da existência de varadouros que supostamente davam acesso à Terra Indígena. O sobrevoo, contudo, não registrou qualquer indício de tal articulação.

1- Apiaú

O acesso ao rio Apiaú, no trecho que margeia e penetra a TI Yanomami, parece estar associado às estradas que se expandem desde os Projetos de Assentamento Ajarani e Nova Floresta. Chama a atenção, por exemplo, a vicinal que atinge o rio Apiaú na



altura de uma das comunidades da região, onde o sobrevoo flagrou a existência de um acampamento com barracas de lona, sendo abastecido por um carro tracionado no momento do registro (Ver Foto 1).



Foto 1: Vicinal perpendicular ao rio Apiaú na altura de uma comunidade Yanomami.

Não há menção sobre balsas atuando no rio Apiaú, mas análises de imagens de satélite acusam a exploração em barrancos no seu alto curso e no seu tributário rio Novo. O sobrevoo confirmou esta atividade e produziu imagens que nos auxiliam a compreender os detalhes da infraestrutura do garimpo na região. A foto 2, por exemplo, apresenta um canteiro no rio Novo, no qual verifica-se a presença de jateiros, uma resumidora, três motores (maraca) e rastros de quadriciclos. Em cada motor, costumam trabalhar de cinco a oito pessoas, dependendo da potência da bomba. Logo, é provável que no acampamento que dá suporte a este canteiro tenhamos entre 15 a 24 trabalhadores.

Sabe-se, porém, que além dos trabalhadores no canteiro há todo um conjunto de pessoas que não estão diretamente ligadas à extração do ouro, mas que dão suporte à atividade, como cozinheiras, carregadores, serradores, comerciantes etc. Portanto, em



acampamentos mais complexos o número de pessoas pode dobrar em relação à quantidade de trabalhadores¹.



Foto 2 – Canteiro de Garimpo no rio Novo

A foto 3 registra o acampamento mais próximo ao canteiro da imagem anterior. Nela, pode-se observar dez barracas cobertas de lona, com diferentes tamanhos, dois quadriciclos² e cinco pessoas atentas ao avião, entre elas, duas mulheres. Dadas as características do local é bastante provável que algo entre 25 e 40 pessoas façam uso do acampamento.

¹ Ver levantamento de Le Tourneau, F-M. Chercheurs d'or : L'orpaillage clandestin en Guyane Française. CNRS Editions, Paris, 2020. Na Guiana Francesa de um total de 246 profissionais identificados no garimpo, 128 (52%) eram trabalhadores, o restante exercia outras funções de apoio à atividade, como cozinheiras, prostitutas, serradores, carregadores, entre outros.

² Cada quadriciclo carrega até 230 kg.



Foto 3 -Acampamento de garimpo no rio Novo. com quadriciclos

A logística de apoio ao garimpo do rio novo também conta com uma pista clandestina (foto 4). É provável que o aeródromo abasteça os diferentes núcleos de exploração da região e que essa articulação seja feita por quadriciclos, como pode ser observado nas fotos 5 e 6. Na primeira, a fotografia exhibe as marcas do veículo no solo, e, na segunda, o equipamento aparece entre as barracas de lona do acampamento.



07/04/2021 12:30:49 (-3,0 hrs) Dir=SW Lat=N02 21' 50,84" Lon=W062 22' 02,12" Alt=453m MSL WGS 1984

Foto 4 – Outro canteiro de garimpo no rio novo com pista de pouso



Foto 5– Terceiro núcleo garimpeiro no rio novo, note as marcas de quadriciclo no centro da imagem.



Foto 6 – acampamento garimpeiro no rio novo, com quadriciclo

Sobre as estruturas no rio Novo vale comentar também a presença de barracões com parede de tábuas de madeira e antenas de televisão e internet, o que indica uma tendência à complexificação dos acampamentos na região (Foto 7).



Foto 7 – Detalhe de acampamento no rio novo

2- Serra da Estrutura

A oeste do Apiaú registram-se núcleos garimpeiros vizinhos à Serra da Estrutura, território de circulação dos Moxihatëtëma, grupo Yanomami em isolamento voluntário. As fotos 8 e 9 atestam a atualidade do garimpo nesta zona. Na primeira, vê-se um acampamento com roupas secando no varal e uma pequena plantação de mandioca e uma horta. O cultivo de alimentos demonstra uma tendência à consolidação de uma estrutura que sustenta os núcleos garimpeiros no interior da Terra Indígena, bem como sua perenidade. Na última, observa-se os garimpeiros empunhando jatos d'água contra o barranco.



07/04/2021 12:53:01 (-3,0 hrs) Dir=NW Lat=N02 25' 34,84" Lon=W062 49' 36,43" Alt=562m MSL WGS 1984

Foto 8 – Acampamento de garimpeiros próximo à serra da estrutura.



07/04/2021 12:53:09 (-3,0 hrs) Dir=NW Lat=N02 25' 44,10" Lon=W062 49' 27,68" Alt=569m MSL WGS 1984



Foto 9 - Canteiro de 0,2 hectares, com um motor e cinco pessoas trabalhando próximo à Serra da Estrutura.

3- Alto Catrimani

Na cabeceira do rio Catrimani, próximo à fronteira com a Venezuela, a atividade garimpeira é ainda mais intensa. Em uma das pistas clandestinas que dá suporte à atividade o sobrevoo flagrou a presença de um helicóptero, provavelmente transportando combustível para os canteiros (foto 11).

Um segundo helicóptero foi registrado posteriormente pousando em outra pista na mesma região, localizada pouco abaixo no curso do rio (Fotos 12 e 13).



Foto 11 -Pista do alto rio Catrimani. Note o helicóptero e a enorme quantidade de carotes de combustível na pista.



Foto 12 - Helicóptero em outra pista clandestina na região do alto Catrimani. Próximo à pista observa-se 4,8 hectares degradados de forma contígua.



Foto 13 – Helicóptero atuando ilegalmente na TI Yanomami

Junto a uma das pistas há uma espécie de “currutela”, local que concentra diversos tipos de serviços aos garimpeiros. O sobrevoo pôde registrar neste local dois aviões estacionados (PT-COO e PT-LFI), diversas pessoas em torno da pista e uma quantidade enorme de recipientes de 50 litros de combustível (foto 14). Em outra fotografia pode-se verificar um estabelecimento que aparenta ser um bar, com mesas, cadeiras e até uma mesa de bilhar.



Foto 14 – “Currutela” no alto catrimani. Note as aeronaves que dão suporte à atividade.



Foto 15 - Bar com sinuca com lona branca.

A área destruída próxima a este centro garimpeiro é superior a 50 hectares, como pode ser observado nas fotos 15 e 16 que apresentam uma panorâmica do local.



Foto 15 - Destruição alto catrimani.



Foto 16 – Alto curso do rio Catrimani.

No alto catrimani a exploração não se restringe às proximidades da corrutela. Descendo o rio em direção ao posto de saúde que atende as famílias indígenas da



região, diversos outros núcleos menores podem ser avistados na floresta (Foto 17), assim como outras pistas de pouso (foto 18).



07/04/2021 13:35:41 (-3,0 hrs) Dir=ENE Lat=N02 20' 17,47" Lon=W062 55' 38,45" Alt=663m MSL WGS 1984

Foto 17 - Outro núcleo de garimpo no alto Catrimani



Foto 18 - Pista recém aberta no lado brasileiro que abastece garimpo na Venezuela na região do haximu., onde ocorreu o massacre de 1993.

O sobrevoo seguiu pelo rio Catrimani até o seu entroncamento com o rio Arapari, já no seu médio curso. Diferentemente do que se esperava, não foram encontradas balsas ativas nesse percurso. Tampouco foi possível encontrar sinais de exploração no rio Arapari, alvo de denúncias recentes das lideranças yanomami do Médio Catrimani.

4- Ajarani

Do rio Arapari o avião se deslocou até o Ajarani, margeando o trecho em que este rio se configura como limite da TI. Ali foram avistadas as casas das famílias oriundas do grupo Xexena, bem como a atual base da Funai, construída com a finalidade de apoiar o grupo após decisão judicial. Pouco abaixo do rio, o sobrevoo registrou uma vicinal e uma propriedade localizada na margem oposta do Ajarani (foto



19). Trata-se de uma ocupação recente que desperta preocupações quanto ao futuro e a fragilidade dessa fronteira, cuja situação fundiária ainda segue indefinida.

Alguns metros abaixo da propriedade citada, foi flagrada uma pequena balsa de garimpo trabalhando no leito do rio (Foto 20). Denúncias nesse sentido já haviam sido feitas por indígenas da região, que buscavam apoio para realizar uma expedição de fiscalização em parceria com a Funai.



Foto 19 - Vicinal que atinge o rio Ajarani, no limite da TI



07/04/2021 14:29:08 (-3,0 hrs) Dir=N Lat=N02 01' 19,80" Lon=W061 42' 02,36" Alt=463m MSL WGS 1984

Foto 20 - Balsa no rio Ajarani, no limite da TIY.

Finalmente, o sobrevoo encerrou sua rota registrando as antigas fazendas desintrusadas em 2014. Nas fotos nota-se a persistência da vegetação exótica em detrimento da floresta, que por influência dos seguidos incêndios encontra resistência para sua regeneração.



Foto 21 - Antigas fazendas do Ajarani



Foto 22 - Antigas fazendas do Ajarani



Sobrevoos 2: 09/04/2021

O segundo sobrevoos percorreu o mesmo itinerário daquele realizado em dezembro de 2020, cobrindo Kayanau, Papiu, Homoxi, Xitei, Parima, Aracaçá e Waikás. Um dos objetivos de se repetir esta rota era avaliar o impacto das operações transcorridas no mês de março em algumas dessas regiões.

As incursões de fiscalização ocorreram entre os dias 05 e 14 de março com a participação da Polícia Federal, do exército brasileiro (no contexto da Operação Verde Brasil 2) do Ibama e do ICMBio. Os alvos foram os garimpos próximos às pistas do Capixaba, na região do Parima, do Hélio, no Alto Catrimani, do Rangel, no Papiu, e do Espadim, Mucuí e Pau Grosso, na calha do rio Uraricoera. Neste último rio, uma área conhecida como "Fofoca do Cavalo", foi descrita pela PF como uma espécie de "mini-cidade", devido à diversidade das estruturas de suporte ao garimpo, com bares, Wi-fi, lanchonetes, prostíbulo, e até um consultório odontológico³.

De acordo com a reportagem que descreve os resultados da atuação do Exército, foram apreendidos armas, munições, mercúrio, 500 gramas de ouro, e destruídos três motores e seis geradores⁴. Apenas a pista do Capixaba foi dinamitada na ocasião.

Os resultados modestos da operação podem também ser verificados nas imagens produzidas pelo sobrevoos de abril. Com exceção do Parima, onde a atividade garimpeira aparenta ter sido apenas reduzida, e não paralisada, nas demais regiões a atividade demonstra grande dinamicidade, como poderá ser visto nas imagens abaixo.

1- Kayanau e Papiu

No rio Mucajaí, o sobrevoos flagrou diversos núcleos de garimpagem ativos, tanto em barrancos (fotos 23 e 24), quanto em balsas (fotos 25 e 26). No posto de saúde

³

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/03/24/pf-encontra-cartaz-de-carnaval-e-ate-bingo-de-revolver-em-mini-cidade-de-garimpo-na-terra-yanomami.ghtml>

⁴

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/03/12/exercito-desativa-seis-garimpos-na-terra-yanomami-e-apreende-aviao-ouro-e-mercurio-em-rr.ghtml>



do Kayanau, as fotografias registram, por exemplo, diversos recipientes de combustível destinados ao garimpo disposto na pista de pouso, que deveria ser de uso exclusivo da comunidade (foto 27).

Não custa lembrar que no ano passado, os indígenas do Kayanau denunciaram a apropriação deste mesmo posto de saúde pelos garimpeiros, que ofereciam ouro em troca de medicamentos destinados às famílias Yanomami, e que haviam contaminado dezenas de indígenas com a COVID-19 ainda no início da pandemia.

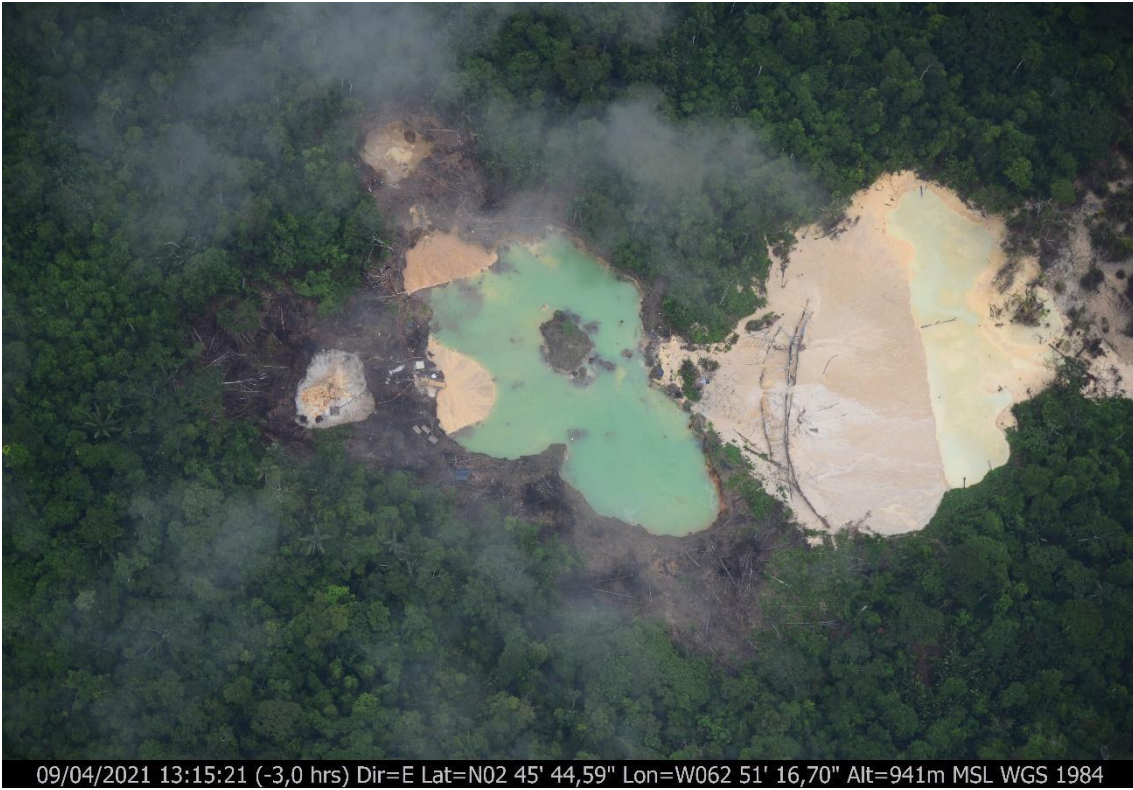
A intensidade das relações entre garimpeiros e indígenas no Kayanau também tem derivado em conflitos violentos. No princípio do ano, a Hutukara recebeu a notícia de que uma importante liderança feminina da região havia sido assassinada por um jovem alcoolizado, com envolvimento na atividade ilegal. Importante destacar a influência do garimpo na região para a maior frequência e intensidade de conflitos violentos, por meio do tráfico de armas e munições, bem como do fornecimento de bebidas alcoólicas.

A foto 28, que apresenta uma maloca yanomami coberta por palha e circundada por lonas, sintetiza bem o grau de proximidade e a fragilidade dessas famílias frente aos invasores.



09/04/2021 13:15:02 (-3,0 hrs) Dir=S Lat=N02 46' 09,28" Lon=W062 50' 52,67" Alt=930m MSL WGS 1984

Foto 23 - Acampamento ativo no rio Mucajaí, próximo à foz do rio Couto Magalhães



09/04/2021 13:15:21 (-3,0 hrs) Dir=E Lat=N02 45' 44,59" Lon=W062 51' 16,70" Alt=941m MSL WGS 1984

Foto 24 – Outro núcleo ativo no rio Mucajá, próximo à foz do rio Couto Magalhães



Foto 25 - Balsa no rio Mucajai



Foto 26 - Balsa no rio Mucajai



Foto 27 - Combustível para o garimpo na pista do posto de saúde do Kayanau



Foto 28 - Comunidade do Kayanau. As lonas indicam trocas intensas com os garimpeiros

Subindo o rio Couto Magalhães, na região do Papiu, um dos alvos da operação de março, o sobrevoo também registrou sinais de movimentação garimpeira, com barcos navegando, marcas de quadriciclo em canteiros e acampamentos bem estruturados (Fotos 29 e 30).



Foto 29 - Marcas de duas rodas, sugerem a presença recente de quadriciclos.



Foto 30 - Acampamento garimpeiro no Papiu

2 - Homoxi

No Homoxi, no mesmo dia do sobrevoo, a 1ª Brigada de Infantaria de Selva, a Polícia Federal, e o Ibama, mais uma vez no âmbito da Operação Verde Brasil 2, realizaram uma operação para o controle do garimpo. Apesar das estruturas grandiosas e do gigantesco impacto da atividade, os agentes federais anunciaram ter identificado apenas 30 pessoas e apreendido somente sete motores.

As fotos 31, 32 e 33 dão uma dimensão do tamanho do garimpo na região.



09/04/2021 13:51:28 (-3,0 hrs) Dir=E Lat=N02 30' 46,82" Lon=W063 41' 56,03" Alt=1295m MSL WGS 1984

Foto 31 - Alto curso do rio Mucajaí, em Homoxi



09/04/2021 13:48:54 (-3,0 hrs) Dir=SSE Lat=N02 31' 33,32" Lon=W063 40' 39,75" Alt=1411m MSL WGS 1984

Foto 32 – Alto curso do rio Mucajaí, em Homoxi

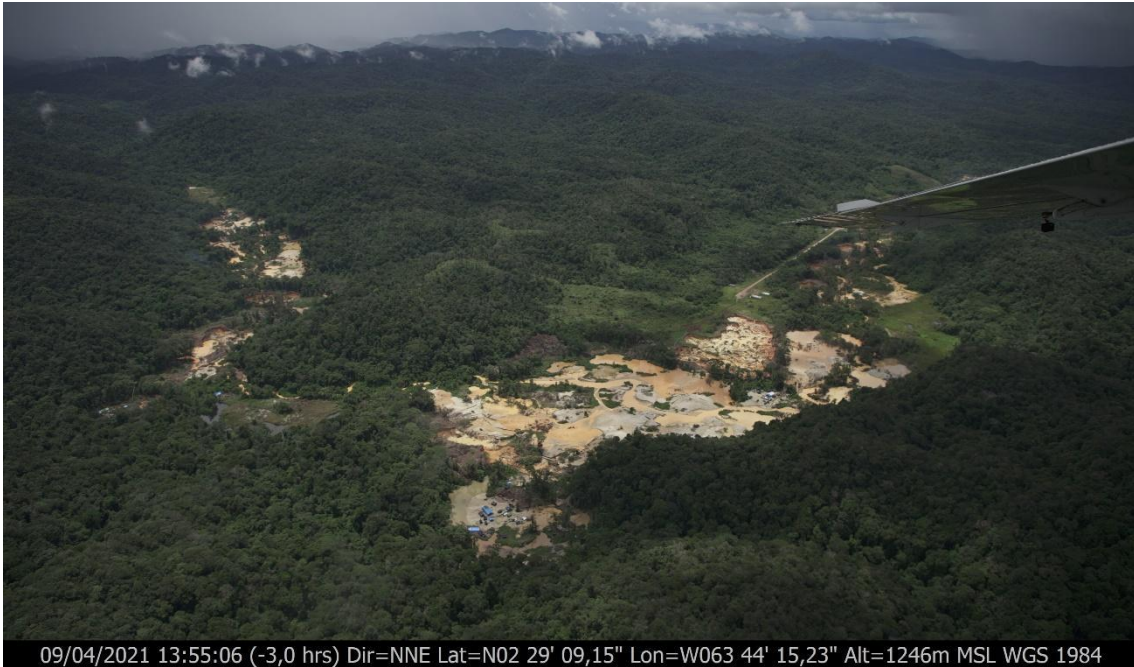


Foto 33 - Alto curso do rio Mucajaí, em Homoxi

Assim como no Kayanau, a pista comunitária e o posto de saúde de Homoxi encontram-se controlados pelo garimpo. Alií, porém, o impacto do garimpo é ainda mais gritante. Na cabeceira da pista, o leito do rio Mucajaí tornou-se uma imensa cratera (Foto 34).



Foto 34 -Garimpo ao lado do posto de saúde do Homoxi

O sobrevoo flagrou garimpeiros circulando próximos ao posto de saúde, dezenas de vasilhames de combustível e até barracões na ponta da pista comunitária (Fotos 35 e 36).



Foto 35 - Acampamento garimpeiro na ponta da pista do Homoxi



Foto 36 - Combustível e garimpeiros em frente ao posto de saúde do Homoxi

As fotos 37, 38, 39 e 40 ilustram alguns dos acampamentos no Homoxi. Não é preciso nenhum exercício matemático mais complexo para constatar que o número de pessoas envolvidas no garimpo ali é muito superior às cifras da operação.



Foto 37 - Garimpeiros em ação no Homoxi



09/04/2021 13:49:28 (-3,0 hrs) Dir=NNE Lat=N02 30' 39,56" Lon=W063 40' 47,19" Alt=1351m MSL WGS 1984

Foto 38 - Canteiro no Homoxi



Foto 39 - Área recém desmatada por garimpeiros no Homoxi, o que indica a expansão da atividade na região com abertura de novas áreas



Foto 40 - Acampamento garimpeiro no Homoxi. Mangueiras novas para novas áreas de exploração. Mais de 1.500 litros de combustível agrupados em carotes de 50 litros.

3 - Xitei

O garimpo no Xitei muito provavelmente está relacionado ao de Homoxi. Até o ano passado, as cicatrizes da exploração mal eram possíveis de serem observadas por sensoriamento remoto. Atualmente, como demonstram as fotografias 41, 42, 43 e 44 que identificam novas pistas de pouso e acampamentos com árvores recém derrubadas, Xitei tem se configurado como uma das regiões mais dinâmicas.



Foto 41 - Acampamento garimpeiro no Xitei



Foto 42 - Pista clandestina no Xitei



Foto 43 - Outra pista clandestina no Xitei



Foto 44 - Garimpeiros em ação no Xitei

4 - Parima

Em comparação com as imagens de dezembro, as fotos mais recentes do Parima sugerem uma redução da atividade garimpeira. No entanto, a presença de balsas, canteiros e acampamentos em processo de abertura, indicam que a invasão nesta zona está longe de ser controlada, e pode retomar com maior intensidade. (Fotos 45, 46, 47 e 48).



Foto 45 – Impacto do garimpo na região do Parima



Foto 46 - Balsa de garimpo no rio Parima, em frente a comunidade yanomami



Foto 47 - Madeira recém serrada, acampamento em construção no Parima



Foto 48 – Canteiro de garimpo no Parima

4 - Calha do Uraricuera (Aracaçá, Waikás e Palimiu)

Próximo à foz do rio Parima, já no rio Uraricoera, há uma das maiores concentrações de garimpeiros observada no sobrevoo. As fotos 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57 e 58 ilustram a magnitude do impacto e a complexidade da estrutura de apoio à atividade. Impressiona a profundidade dos canteiros registrados nas fotos 53, 54 e 58 que rememoram imagens de Serra Pelada na década de 1980. Da mesma forma, chama a atenção a existência de barracões especializados como é o caso do “restaurante” com mesinhas redondas dispostas em frente ao barracão (foto 57)



Foto 49 – Acampamento no rio Uraricoera



Foto 50 – Acampamento no rio Uraricoera



Foto 51 – Acampamento no rio Uraricoera



Foto 52 – Acampamento no rio Uraricoera



Foto 53 – Canteiro de garimpo no rio Uraricoera



Foto 54 – Canteiro de garimpo no rio Uraricoera



Foto 55 – Acampamento no rio Uraricoera



Foto 56 – Acampamento e canteiro no rio Uraricoera



Foto 56 – Canteiro no rio Uraricoera



Foto 57 - Restaurante no Uraricoera



Foto 58 – Canteiro no Uraricoera

A currutela e os canteiros próximos ao Aracaçá e à foz do Parima são relativamente recentes, tendo se expandido e consolidado nos últimos anos. Esse movimento, porém, não significou uma diminuição da exploração na ferradura do rio Uraricoera em Waikás, no local conhecido como “tatuzão do Mutum”. As fotos 59 e 60 atestam o vigor desse núcleo garimpeiro e reforçam a ideia de que a formação das novas áreas se deu muito mais em caráter de expansão do que de substituição.



Foto 59 - Currutela do “tatuzão” no rio Uraricoera



Foto 60 - Currutela do “tatuzão” no rio Uraricoera

Parte da densidade do garimpo na calha deste rio é explicada pelos custos logísticos, uma vez que o Uraricoera é uma das poucas regiões onde o transporte de insumos e pessoas depende também da modalidade fluvial. O sobrevoo teve a oportunidade de captar alguns dos barcos que prestam este tipo de serviço ao garimpo local (Fotos 61 e 62). A partir dessas imagens pode-se calcular, por exemplo, o volume transportado diariamente para os acampamentos nessa modalidade, uma vez que informações de área estimam em pelo menos 50 o número de barcos circulando diariamente no rio⁵. Tal exercício seria interessante para demonstrar o que representaria um eventual fechamento do acesso fluvial através da implantação de uma Base de Proteção para o custo de operação do garimpo na região.

⁵ Relatos de campo sugerem que até o início de 2017 um barco no Uraricoera transportava cerca de 60 carotes: 20 de gasolina para o motor do barco e 40 de diesel, para ser comercializado nos canteiros. Depois, dobraram a carga, ou seja 120 carotes (6.000kg), aumentando o risco.



Foto 61 – Canoa transportando insumos para o garimpo



Foto 62 – Canoa transportando insumos para o garimpo

Abaixo de Waikás, as cicatrizes de garimpo tornam-se menos evidentes nas imagens satélites, com algumas raras exceções. O sobrevoo, porém, chama a atenção para a intensa atividade de balsas no trecho que conecta Waikás ao Palimiu. A Foto abaixo (64) foi tirada a poucos metros da missão homônima.



Foto 64 - Balsas próximas às comunidades do Palimiu

No dia 12 de abril a imprensa noticiou a ocorrência de novas operações no rio Uraricoera, circulando um vídeo que registra a destruição de um helicóptero e a queima de maquinários⁶. Não se sabe, porém, quais foram os focos da repressão e quais os resultados da ação. Considerando o histórico desse tipo de empreendimento e o seu período de realização, o mais provável é que seus efeitos tenham sido marginais e insuficientes para conter o avanço da invasão.

Considerações finais

Em março de 2021, análises de imagens satélite indicaram um total de 2.430 hectares destruídos pelo garimpo na Terra Indígena Yanomami, sendo que somente no primeiro trimestre deste ano a área destruída cresceu quase 200 hectares.

⁶<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Interior/Operacao-destroi-maquinarior-e-acampamento-de-garimpeiros-em-RR/74968>



Nesse cenário, vale destacar o expressivo crescimento dos garimpos nas calhas dos rios Mucajaí e Catrimani. Se, antes, o rio Uraricoera concentrava o conjunto de grandes áreas impactadas pela atividade, hoje, o tamanho das cicatrizes no Kayanau, Homoxi e Alto Catrimani tem alcançado dimensões semelhantes. Tal fenômeno, por sua vez, é um importante indicador do desenvolvimento das estruturas de apoio (logística e de serviços) nessas zonas, e deveria servir de alerta para os riscos da consolidação de novas “cidades” do garimpo na TIY.

Como vimos, as operações realizadas nos últimos meses não têm sido suficientes para controlar o aumento vertiginoso da invasão. Elas atenuam o impacto do garimpo em certas zonas, mas temporariamente e de forma não consistente. Para que a invasão seja de fato controlada, é preciso que as operações sejam mais abrangentes e eficientes na destruição da estrutura de apoio à atividade ilegal (explosão de pistas e destruição de currutelas), bem como na inutilização do maquinário utilizado (motores, balsas, aeronaves e helicópteros, quadriciclos, etc), para que os financiadores da atividade sejam descapitalizados e não possam reinvestir tão facilmente na retomada da invasão.

Da mesma forma, é fundamental que o acesso aos rios Uraricoera, Mucajaí e Catrimani sejam bloqueados por um longo período, de dois a três meses, seja com a reabertura das BAPES ou com estruturas de fiscalização provisórias. E, independente de qual estrutura possa ser implantada, é imprescindível que ela contenha a presença de força policial capaz de coibir o atual fluxo contínuo de abastecimento aos garimpos.

Ações de fiscalização contínua de aeródromos, aeronaves e helicópteros, e postos de combustíveis são igualmente importantes para o sucesso de uma operação de desintrusão, evitando a rápida retomada da atividade. O que chama a atenção para a necessidade de se pensar essas operações de maneira coordenada com outros órgãos do Estado.

As cenas observadas no Uraricoera, ao rememorar Serra Pelada, alertam para a imensa tragédia ambiental e humana que o garimpo na TI Yanomami tem se tornado. Não foi por falta de aviso, porém, que a situação atingiu tal gravidade. As lideranças e associações indígenas têm reiteradamente feito denúncias e alertando as autoridades e a



opinião pública sobre a questão. Felizmente, não se trata de um problema sem solução. O Estado possui todas as condições para fazer valer a lei e promover a neutralização dos crimes praticados pelo garimpo contra os indígenas da TI Yanomami e o restante da sociedade brasileira, e a experiência do passado prova que isso é possível por meio de ações estratégicas. Acelerar o tempo de resposta a este desafio, a partir de um plano de ação estratégico e coordenado, é também uma forma de preservar recursos da União e valorizar seu patrimônio.